

A religião na media: uma análise de discurso e argumentação do programa Show da Fé

Marco Túlio de Sousa & Wedencley Alves

Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

E-mail: marcotuliosousa@hotmail.com, wedenn@yahoo.com.br

NO ANO DE 1521, Martinho Lutero publicou a Bíblia em alemão. O ato, mais do que um marco de oposição à Igreja Católica, representa uma mudança de comportamento do fiel em relação à palavra sagrada. Se antes a interpretação desta estava restrita ao clero católico, com a Reforma Luterana, as escrituras foram colocadas nas mãos do povo para livre exame. O entendimento sobre o Sagrado muda, pois cada um pode elaborar de forma independente sua própria visão sobre a “Palavra de Deus”.

Um dos fatores que permitiu a rápida expansão das idéias dos reformadores consiste na prensa tipográfica. “Foi graças à tecnologia desenvolvida por Gutenberg (1450) na produção da página impressa que os textos de Lutero e de Calvino ganharam a Europa” (Campos, 2008: 5).

Séculos depois, igrejas evangélicas (neo) pentecostais (denominações oriundas de diversas divisões nas igrejas protestantes históricas) investem alto na promoção de suas idéias nos meios de comunicação de massa modernos: rádio, TV e *internet*. A Igreja Católica ¹ também parece ter enxergado na mídia um importante meio de se comunicar com a sociedade e assim tentar deter o crescente avanço dos evangélicos, que, segundo o censo de 2000, somavam 15,4% da população. Número que tende a aumentar.

No Brasil, o número de programas na TV aberta vinculados às instituições religiosas é expressivo. Um bom exemplo é a Band, canal em que quase 20% do tempo total da programação (mais de 32 horas por semana) corresponde a conteúdo pertencente a instituições religiosas ².

Este trabalho trata de uma das principais expressões da presença da religião na mídia. O programa televisivo Show da Fé, comandado por RR Soares,

1. No Brasil, além de diversas rádios, a Igreja Católica conta hoje com alguns canais de televisão, como a TV Canção Nova, a TV Aparecida, a Rede Vida e a Século 21.

2. Fonte: site da emissora: <http://www.band.com.br/programacao>. Acesso: 03/04/2010.

é um dos exemplos mais significativos dessa aproximação do campo religioso e midiático. Relação esta que se tornou mais estreita com o advento do pentecostalismo e, principalmente, do neopentecostalismo.

Do Pentecostalismo ao Neopentecostalismo

A Reforma iniciada por Lutero desencadeou uma série de rompimentos com a Igreja Católica. Grupos religiosos surgiram em diferentes países e se espalharam pelo mundo. A América Anglo-Saxônica foi uma das principais regiões onde as igrejas protestantes históricas³ avançaram e se fixaram no Novo Mundo. A América Latina, de colonização ibérica, ficou sob domínio majoritário católico.

Posteriormente, nos Estados Unidos surge, no seio da Igreja Metodista, um fenômeno religioso que iria se espalhar e conquistar adeptos em todo o mundo. O pentecostalismo nasceu no início do Séc. XX e hoje conta com mais fiéis no Brasil do que as igrejas protestantes históricas. Segundo Ricardo Mariano:

(...) o pentecostalismo, herdeiro e descendente do metodismo wesleyano e do movimento *holiness*, distingue-se do protestantismo, *grosso modo*, por pregar, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossalia), cura e discernimento de espíritos. Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade. (Mariano, 1999: 10, grifos do autor)

O apelo emocional no culto das pentecostais é muito maior do que nas protestantes históricas tradicionais. Ademais, explora-se em larga medida a dimensão mágica da religião (curas, glossalia etc.), algo que não é comum nas denominações oriundas diretamente da Reforma. Se o protestantismo operou uma “racionalização do sagrado” (Oliveira, 2007:65), o pentecostalismo, com

3. O termo “protestantes históricas” se refere às igrejas surgidas na época da Reforma, como: Luterana, Calvinista, Metodista, Anglicana e Batista.

o seu apelo à manifestação dos dons do Espírito Santo, enfatiza o lado místico do cristianismo.

No Brasil, as primeiras igrejas pentecostais chegaram por volta da primeira década do século XX. A maior parte das denominações evangélicas veio dos Estados Unidos graças ao trabalho de missionários. Mesmo as denominações que nasceram no Brasil foram influenciadas por movimentos e doutrinas “importadas” dos EUA. Ricardo Mariano (1999) divide o pentecostalismo em três vertentes de acordo com um critério de antiguidade das denominações. Estas seriam: clássica, deuteropentecostalista e neopentecostal.

As igrejas do pentecostalismo clássico são, principalmente, a Congregação Cristã no Brasil e a Assembléia de Deus. Ambas chegaram ao Brasil na primeira década do século passado. A segunda vertente (deuteropentecostalista) se implantou no país na década de 50. Segundo Mariano:

A segunda onda teve início nos anos 50 na cidade de São Paulo com o trabalho missionário de dois ex-atores de filmes de faroeste do cinema americano, Harold Williams e Raymond Boatright, vinculadas à *International Church of The Foursquare Gospel*. (...) eles trouxeram para o Brasil o evangelismo de massa centrado na mensagem da cura divina. Difundiram-no por meio do rádio (que, por sectarismo ou por considerá-lo mundano e diabólico, até a década de 50, não era usado pela Assembléia de Deus; a Congregação Cristã ainda hoje continua a não fazer uso de qualquer meio de comunicação de massa, nem mesmo de revistas, jornais, folhetos e literatura) e do evangelismo itinerante em tendas de lona. (Mariano, 1999: 30)

As representantes mais conhecidas do deuteropentecostalismo são as igrejas Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção e Quadrangular. Em relação às diferenças teológicas, pode-se dizer que “as duas primeiras ondas pentecostais apresentam diferenças apenas nas ênfases que cada qual confere a um ou outro dom do Espírito Santo. A primeira [clássica] enfatiza o dom de línguas, a segunda [deuteropentecostalista], o de cura” (Mariano, 1999: 31).

Enquanto a segunda vertente chegava ao Brasil, nascia nos Estados Unidos (precisamente em 1967) a Renovação Carismática Católica, que incorpora elementos do pentecostalismo (dons de cura, revelações, profecias etc.) e preserva a doutrina católica. Nas protestantes históricas, existe também uma aproximação com as práticas pentecostais, é o chamado “pentecostalismo de renovação” (Campos Jr, 1995: 48). “Além dos metodistas wesleyanos e dos

presbíteros renovados, existem os batistas renovados e até mesmo luteranos” (Campos Jr, 1995: 50).

Já a terceira “onda” pentecostal começa nos anos 70 e ganha força nas décadas de 80 e 90. Esta é classificada como neopentecostal. Dela, surgiram a Igreja de Nova Vida, origem da Universal do Reino de Deus e da Internacional da Graça de Deus. Além destas, podemos incluir a Comunidade da Graça e a Renascer em Cristo no grupo das neopentecostais.

A vertente neopentecostal apresenta algumas diferenças marcantes em relação às anteriores. Preserva algumas práticas (antiecumenismo, uso dos meios de comunicação de massa, estímulo à expressividade emocional, participação na política partidária, pregação da cura divina), mas se diferencia, principalmente, por quatro fatores: “exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo (...), pregação enfática da Teoria da Prosperidade (...), liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade” (Mariano, 1999: 36) e o fato de se estruturarem como empresas.

É importante salientar que a Teologia da Prosperidade pouco tem a ver com o “espírito do capitalismo” que Weber (2007) trata em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. Segundo Mariano:

Na ótica weberiana, a acumulação primitiva do capital resultara, entre outros fatores, justamente da ética puritana, que interditava ao fiel qualquer modalidade de consumo supérfluo. No neopentecostalismo, o crente não procura a riqueza para comprovar seu estado de graça. Não se trata disso. Como todos os demais, crentes e incrédulos, ele quer enriquecer para consumir e usufruir de suas posses nesse mundo. Sua motivação consumista, notadamente mundana, foge totalmente ao espírito do protestantismo ascético, sobretudo de vertente calvinista. (Mariano, 1999: 185)

A Igreja Internacional da Graça, cujo programa televisivo será analisado nesse trabalho, representa uma das grandes forças do neopentecostalismo no Brasil. A história da instituição é marcada pela trajetória de seu fundador: Romildo Ribeiro Soares. RR Soares, como é conhecido, era membro da igreja neopentecostal Nova Vida. Após desavenças com os líderes desta denominação, ele e seu cunhado Edir Macedo fundam a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). RR Soares divide a liderança da Universal com Macedo, mas novos conflitos o leva a se separar e fundar a Internacional da Graça.

Sob a liderança de Edir Macedo, a Igreja Universal se espalhou por todo país e se tornou a igreja neopentecostal com o maior número de fiéis. Já

a Internacional da Graça se expandiu principalmente na Região Sudeste do país. Dentre os veículos de comunicação utilizados pela denominação, nota-se uma preferência pela TV, ao contrário da Universal, que prioriza o rádio. RR Soares comanda programas em diversos canais de TV aberta e a denominação possui um canal próprio, a RIT (Rede Internacional de TV). Neste trabalho, analisaremos o programa Show da Fé pelo fato de ser transmitido por uma grande emissora de TV aberta (a Band) no horário nobre, o que lhe confere uma grande abrangência. Mas antes da análise trataremos de alguns conceitos teóricos utilizados na pesquisa.

Análise de Discurso e Teoria da Argumentação

Embora nossa análise se filie à Análise de Discurso Francesa (doravante AD), devido às características do objeto recorreremos também à Teoria da Argumentação. Desse modo, será possível identificar que estratégias argumentativas estão presentes nos enunciados e a que discursos estes estão vinculados. O que é de especial interesse, visto que a mensagem religiosa tem um fim persuasivo bem claro. Desta forma, pode-se, conforme nos afirma Haquira Osakabe, “pensar as condições de produção sob o ângulo do próprio interesse emanado pelo discurso” (Osakabe, 1999: 52).

Ao mobilizar as duas teorias nos deparamos com alguns obstáculos. A AD enxerga o ato de enunciação como uma mobilização de sentidos pré-construídos e pensa o efeito de evidência dos dizeres como materialização da ideologia constitutiva dos enunciados. Dessa forma, deparamo-nos com um sujeito que se funda no inconsciente. Na Teoria da Argumentação, o indivíduo é visto com mais autonomia, ele define suas estratégias argumentativas previamente ao ato enunciativo. Podemos dizer que se, na AD, dá-se uma atenção maior ao sujeito do inconsciente e da ideologia, na Teoria da Argumentação, o sujeito estrategista é colocado em primeiro plano.

As diferenças entre as duas concepções teóricas não inviabiliza aproximações. Na verdade, vemo-nas como complementares, visto que a AD nos informa sobre as relações discursivas, sobre as posições-sujeito no discurso religioso, e a Teoria da Argumentação nos traz contribuições para compreender aquilo que se passa no intradiscorso, no nível da superfície discursiva ou textual. Além disso, mobilizar as duas vertentes nos possibilita perceber

o contraste das abordagens e, com isso, dar conta de aspectos do ato enunciativo que poderiam passar despercebidos, caso ambas não fossem utilizadas numa mesma pesquisa. Trataremos agora brevemente dos principais conceitos teóricos utilizados nesse trabalho.

A AD se estrutura tendo por base o Marxismo, a Psicanálise e a Linguística. Do Marxismo, principalmente de filiação althusseriana, a AD herda a visão materialista da história, buscando compreender as condições de produção de sentidos e discursos. Da Psicanálise, toma a consideração da hipótese central daquela disciplina, ratificando que a relação do sujeito com o discurso é atravessada também por identificações inconscientes, e, sob inspiração lacaniana, é fundada na inscrição do sujeito no simbólico, no campo da linguagem. O sujeito do discurso, portanto, se constitui a partir “de sua relação com o simbólico, na história”. (Orlandi, 2005: 19). A Linguística, por sua vez, contribui com a compreensão de que a língua tem uma ordem própria, embora não autônoma em relação à história.

Um conceito de vital importância para a AD é o de *formação discursiva* (doravante FD). O termo está diretamente ligado à prática discursiva, correspondendo a um conjunto de relações que funcionam como regra para o sujeito nas circunstâncias em que este inscreve seu enunciado. Referindo-se a Michel Foucault, Rosa Maria Bueno Fischer entende “a formação discursiva deve ser vista (...) como o ‘princípio de dispersão e de repartição’ dos enunciados segundo o qual se ‘sabe’ o que pode e o que deve ser dito, dentro de determinado campo e de acordo com certa posição que se ocupa nesse campo” (Fischer, 2001: 203).

As Fds presentes nos enunciados que dizemos são regionalizações do interdiscurso. Este nada mais é do que o acervo do “já-dito”, da memória discursiva, que garante ao sujeito o sentido daquilo que se diz. O interdiscurso possui relação estreita com o inconsciente, uma vez que pode ser entendido como “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (Orlandi, 2005: 33).

Dialogando com o Marxismo e a Psicanálise, a AD estabelece que a ideologia funciona através de mecanismos inconscientes. De acordo com Orlandi, memória e esquecimento são importantes para o trabalho ideológico:

O processo ideológico não se liga à falta, mas ao excesso. A ideologia representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de ‘evidência’, sustentando-se sobre o já dito, os sentidos instituí-

onalizados, admitidos por todos como ‘naturais’. (...) Assim, na ideologia não há ocultação de sentidos (conteúdos), mas apagamento do processo de sua constituição. (Orlandi, 2007: 66)

É importante salientar que o conceito de ideologia tem para a AD um sentido diferente de algumas concepções marxistas, pois aqui o termo não pode ser definido como um conjunto de representações, mas como uma prática discursiva. “Todo dizer é ideologicamente marcado (...). O discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia”. (Orlandi, 2005: 38)

Empregaremos também o conceito de *reversibilidade*, que é a possibilidade de “troca de papéis entre locutor e ouvinte” (Orlandi, 1996: 131). Ou seja, a possibilidade de o interlocutor se posicionar, de modo a interferir no sentido. Este conceito torna-se importante para entendermos a tipologia utilizada por Orlandi:

Discurso lúdico: aquele em que a reversibilidade entre interlocutores é total, sendo que o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, resultando disso a polissemia aberta. O exagero é o *no sense*.

Discurso polêmico: é aquele em que a reversibilidade se dá sob certas condições e em que o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram lhe dar uma direção, sendo que a polissemia é controlada. O exagero é a injúria.

Discurso autoritário: é aquele em que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida. O exagero é a ordem no sentido militar. (Orlandi, 1996: 154)

No campo da Teoria da Argumentação seguiremos a vertente proposta por Chaïm Perelman. O pensador belga é o responsável pelo resgate da retórica aristotélica, mas avança a partir dela. Isso deu origem ao que se conhece como Nova Retórica. A Retórica passou por um processo de desprestígio por um longo período da história. Valorizada pelos clássicos, ela perde força gradualmente e quase desaparece com o advento do racionalismo cartesiano. O Racionalismo de Descartes propunha a demonstração como critério de verdade. O saber deveria, portanto, se sustentar tendo por base evidências inquestionáveis. Tal método exclui a argumentação do campo do saber.

Com a Nova Retórica, Perelman reabilita a retórica aristotélica, inserindo-a numa teoria da argumentação. Segundo o autor, “a teoria da argumentação concebida como uma nova retórica (ou uma nova dialética) cobre todo o

campo do discurso⁴ que visa convencer ou persuadir, *seja qual for o auditório a que se dirige e a matéria a que se refere*” (Perelman, 1999: 24, grifos do autor).

Dentre os inúmeros conceitos propostos pela Nova Retórica, vale a pena destacar a noção de auditório, central para essa disciplina. O auditório corresponde ao conjunto de pessoas que o orador deseja influenciar:

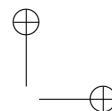
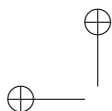
Encontramos três espécies de auditórios (...). O primeiro, constituído pela humanidade inteira (...) que chamaremos de auditório *universal*; o segundo formado, no diálogo, unicamente pelo *interlocutor* a quem se dirige; o terceiro, enfim, constituído pelo *próprio sujeito*, quando ele delibera ou figura as razões de seus atos. (Perelman & Tyteca, 1996: 33-34; grifos nossos)

As estratégias discursivas funcionam de acordo com o tipo de auditório. Em um auditório universal, tal como o do filósofo, a argumentação deverá ocorrer de forma a apresentar argumentos que sejam razoáveis a toda e qualquer pessoa. No segundo tipo de auditório, as estratégias argumentativas serão diferenciadas, já que cada público que se visa persuadir possui particularidades que o diferem dos demais. Daí a multiplicidade de técnicas argumentativas existentes. No momento, não entraremos em detalhes sobre as mesmas, já que a quantidade inviabiliza uma exposição detalhada de cada uma delas. Exporemos algumas no decorrer do trabalho, conforme se apliquem ao objeto estudado.

Apresentados alguns elementos constitutivos das duas teorias, gostaríamos de tratar brevemente de alguns pontos abordados por Haquira Osakabe (1999) em “Argumentação e Discurso Político”. Na obra, trata-se a argumentação em uma perspectiva discursiva.

Segundo o autor, há um mecanismo de “projeções imaginárias” que condiciona o dizer. Projeta-se um conjunto de possíveis reações de acordo com a “imagem” que o outro (o ouvinte) faz do sujeito que enuncia. As estratégias e mecanismos utilizados para persuasão dependem de inúmeros fatores como: quem é o ouvinte; a situação e o lugar em que se diz; o conteúdo daquilo que vai ser dito etc. Dessa forma, o locutor traça suas estratégias enunciativas para causar o efeito desejado em seu ouvinte, mas a imagem desse ouvinte,

4. É importante salientar que a noção de discurso utilizada por Perelman difere da definição da AD. No presente caso, discurso nada mais é do que o ato de falar, enquanto que para a Análise de Discurso, este consiste em efeito de sentidos.



e do próprio locutor estão predeterminadas pelas formações imaginárias. No discurso o mesmo ocorre: sem ouvinte não há discurso, pois é no ouvinte que o texto significa, remetendo aos discursos. O discurso sempre se dá numa relação de interlocução. Podemos ver a relação discurso/ argumentação da seguinte forma:

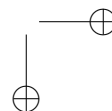
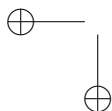
Discurso texto discurso
Posição-sujeito argumentação Posição-sujeito
Projeções Imaginárias

A argumentação depende do jogo de projeções imaginárias que afeta o sujeito no momento da construção da teia argumentativa e, conseqüentemente, do texto. É a partir destas imagens, que ele estabelece suas estratégias argumentativas. É claro que, diante disso, texto e argumentação estão, em alguma medida, sob o controle da pessoa. Contudo, o texto apenas significa porque existem conjuntos de sentidos estabilizados que não estão sob o domínio do indivíduo. Na AD, o indivíduo fala, textualiza e significa a partir de posições em discursos constituídos historicamente, e destes discursos ele se faz sujeito. Partindo dessas considerações é que trabalharemos a dinâmica discurso/argumentação. Passemos agora à análise.

Análise

Para a análise, escolhemos dois programas da Igreja Internacional da Graça de Deus. Os programas foram ao ar nos dias 11 e 12 de junho de 2009, quinta e sexta respectivamente. A opção pelas datas se deve ao fato de coincidirem com o feriado católico de *Corpus Christi*, que sempre acontece numa quinta-feira. Dessa forma, busca-se compreender também o posicionamento dessa denominação em relação a datas católicas e, por conseguinte, à própria instituição Igreja Católica.

Além deste ponto, atentaremos também para aspectos como a estrutura do programa e para a relação pastor/ fieis, observando as famílias paráfrásticas existentes, as formações discursivas em que estão inseridas e também de como se dá dinâmica argumentativa na fala de RR Soares.



O Show da Fé

Diferentemente de programas de outras igrejas, o Show da Fé não é apenas um culto filmado. Trata-se de um programa que possui características semelhantes às de um programa televisivo de auditório: quadros diferenciados; momentos de interação entre o apresentador (RR Soares) e a plateia (os fiéis presentes no culto); *merchandising* (de utensílios religiosos); e apresentação musical (de cantores da igreja). Além disso, na quinta há um desenho animado voltado para o público infantil.

Presenciamos ainda, nesse mesmo dia, um “intervalo comercial” dentro do próprio programa: uma vinheta entra após oração de RR Soares e produtos de cantores e escritores pertencentes à denominação são anunciados de forma semelhante aos comerciais. É importante salientar que não há intervalos comerciais da Band durante a exibição do programa. São cerca de 50 minutos sem interrupção. Veremos agora o papel de cada um dos quadros na estrutura do programa.

O show televisivo

O Show da Fé sempre começa com uma voz de fundo apresentando RR Soares. O locutor diz o seguinte: “(1) Em 1969 o missionário RR Soares recebeu o batismo no Espírito Santo. Desde então, através de sua vida, Deus tem operado milagres e maravilhas!”. Em seguida, há um pequeno trecho de um culto no qual uma mulher com problemas auditivos teria sido curada:

(2) Mulher: Faz uns quatro, cinco anos que sou surda. Fiquei surda dos dois ouvidos. Agora, com esse (coloca a mão na orelha) eu escuto um pouco, mas não é muito bem.

RR Soares: Se tapasse esse o outro então... (aponta para o ouvido no qual a mulher escuta)

Mulher: Esse aqui não...

RR Soares: Então tapa esse que era um pouquinho melhor. (mulher tapa o ouvido bom)

RR Soares: Qual o nome da senhora?

Mulher: Terezinha.

RR Soares: É casada ou solteira?

Mulher: Viúva. (...)

RR Soares: Palmas pra Jesus! Obrigado Jesus.

Locutor: Agora, em 2009, o Brasil vai celebrar com o *missionário*⁵ 40 anos de poder!

A abertura cumpre funções importantes: apresenta RR Soares para um público que talvez não o conheça e atesta sua autoridade como enunciador qualificado para falar em nome de Deus. Isso é feito de duas formas: primeiro é dito que o líder “recebeu o batismo no Espírito Santo” e em seguida apresenta-se uma suposta cura, o que serviria como evidência de que “através de sua vida, Deus tem operado milagres e maravilhas”. Segundo Perelman, o argumento de autoridade, associado a outros tipos de argumentos tem considerável poder de persuasão: “O argumento de autoridade só tem interesse na ausência de prova demonstrativa. Ele virá em apoio de outros argumentos, e aquele que o utiliza não deixará de enfatizar o valor da autoridade que está de acordo com a sua tese” (Perelman, 1999: 109).

Outro ponto curioso nesse enunciado é a forma como o locutor fala de RR Soares. O representante da Internacional da Graça é “o missionário”. O artigo definido “o” e o substantivo “missionário” demonstram que RR Soares é a autoridade máxima de sua igreja. Ele não é apenas “um” pastor ou missionário qualquer, ele é “o missionário”. Ademais, importante notar a diferença entre os termos “pastor” e “missionário”, se levarmos em consideração a memória da língua portuguesa. “Missionário”, em seu sentido dominante hoje, e no discurso religioso evangélico, é aquele que propaga a fé, já “pastor” seria aquele que cuida de seu rebanho. O primeiro termo sugere maior atividade do representante de Deus, o segundo maior passividade. Definir RR Soares como missionário confere-lhe maior autoridade do que como pastor. Conforme nos mostra Orlandi:

(...) o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz.(...)
Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (Orlandi, 2005: 39-40)

Depois da abertura, RR Soares convida os telespectadores a assistirem o programa:

5. Os enunciados foram transcritos da forma como foram pronunciados no programa. Os itálicos presentes nos enunciados do programa foram marcados por nós para destacar algum aspecto.

(3) Pra vocês que estão agora passeando pela televisão e pegaram o início desse programa, eu quero convidá-los a continuar conosco. (quinta)

(4) E a você que está passeando aí com o controle remoto e passou nesse canal, eu quero dizer a você que eu tenho uma boa palavra para lhe ajudar. *Não vamos falar de coisas religiosas, mas ao contrário, vamos falar de coisa muito séria*, que os cristãos precisam ouvir e acordar. (sexta)

Os enunciados (4) e (5) são parafrásticos. Interessante observar no enunciado (4) é a estratégia argumentativa utilizada pelo missionário para atrair um público que não está interessado em assistir a um programa religioso. Perelman e Tyteca (1996) afirmam que “as possibilidades de argumentação dependem do que cada qual está disposto a conceder, dos valores que reconhece, dos fatos sobre os quais expressa seu acordo”.

Daí a importância das premissas para a argumentação. Ou seja, “o orador só pode escolher, como ponto de partida do seu raciocínio teses admitidas por aqueles a quem se dirige. (...) Arriscando-se a fracassar na sua missão, o orador só deverá partir de premissas que beneficiem uma adesão suficiente” (Perelman, 1999: 41)

Dessa forma, RR Soares, ao dizer que “não vai falar de coisas religiosas, mas ao contrário”, que vai “falar de coisa muito séria que os cristãos precisam ouvir e acordar”, procura atrair um público em que o argumento religioso não funcionaria. Contudo, o pastor, de forma contraditória, estabelece um público religioso específico para suas palavras, já que são “os cristãos [que] precisam ouvir e acordar”. Este tipo de estrutura pode ser enquadrado no que na AD chamamos de “dobradura do dizer” (Agustini, 2007). Esta nada mais é do que a insurgência de sentidos que o sujeito procura negar, mas que resistem em seu dizer.

Ainda nesse enunciado, percebemos a existência de uma formação discursiva, à qual o pastor se opõe, que vê na religião algo sem utilidade. Consideramos também que este é um indício de outra formação discursiva que considera os (neo) pentecostais de serem chatos e insistentes em suas pregações, de tentarem “forçar” a conversão do outro, preconceito comum no Brasil. Daí o pastor dizer que não vai “falar de coisas religiosas” também como uma espécie de garantia ao espectador de que o objetivo do programa não é que ele “se converta”.

Após o convite, RR Soares fala por cerca de 17 minutos. Lê trechos bíblicos e apresenta sua explicação. Em seguida, entra o quadro “Novela da

Vida Real”, no qual pessoas relatam transformações milagrosas realizadas em suas vidas ocorridas a partir conversão. Os fiéis contam suas experiências e representam algumas situações que viveram antes do momento da conversão.

O nome do quadro é emblemático. No Brasil, é comum escutar-se expressões como: “isso só acontece em novela”. Tais expressões dizem respeito à impossibilidade de se realizar algo, já que sua existência é restrita à ficção. Com determinado enunciado, procura-se mostrar a atuação do poder divino na Igreja Internacional da Graça e através do Show da Fé (no programa, fiéis afirmam que o primeiro contato com igreja foi por meio do programa) ao tornar o impossível possível.

Após a apresentação do quadro, RR Soares dialoga rapidamente com os “personagens” da “novela” em seu culto. Terminada a conversa, o pastor “convida” as pessoas a serem “patrocinadoras” da igreja, contribuindo financeiramente com a instituição. O termo patrocinador chama a atenção por ser um significante comum ao discurso comercial e empresarial.

Ao pedir a contribuição dos fiéis, RR Soares sempre pede o testemunho de alguém que é patrocinador e teve sua vida transformada por Deus. Uma pessoa presente no culto se levanta e conta sua experiência. Terminado o relato, o missionário torna a pedir a colaboração dos fiéis. Em seguida, ele apresenta alguns produtos da igreja (livros e DVDs) e os benefícios que estes podem trazer aos fiéis que os comprarem.

O quadro seguinte é o “Missionário Responde”, no qual duas pessoas na rua fazem, cada uma, uma pergunta para o missionário, que responde no culto. O quadro evidencia ainda mais a sua autoridade. O que vem na sequência é o “Abrindo o Coração”, quadro no qual é lida uma carta de um fiel. Este expõe seus problemas e pede conselhos de RR Soares. O pastor aparece com a caneta a mão, supostamente respondendo a carta, no momento em que uma voz feminina a lê. Em seguida o missionário dá seus conselhos no culto.

O programa chega à parte final com a apresentação de cantores da igreja. Em seguida o pastor Jaime aparece sozinho sentado diante de uma mesa. Ele faz uma breve reflexão e convida os fiéis a participarem dos cultos da igreja passando horários e endereços de templos.

Constatamos que a estrutura do programa obedece a uma estratégia argumentativa. Começa-se com a pregação do missionário, momento em que RR Soares discorre sobre um tema e utiliza trechos da Bíblia para confirmar a sua interpretação. Após afirmar a sua autoridade, ocorre uma “argumentação pelo

exemplo” (Perelman, 1999) no quadro “Novela da Vida Real”, no qual fiéis falam de mudanças que a conversão operou nas suas vidas. Depois da apresentação do quadro, o missionário conversa com os “personagens” da “novela” no templo. Isso serve para confirmar a veracidade da história contada no quadro.

Em seguida, o programa continua com anúncios de produtos que vão “mudar a vida do fiel” e convites para se tornarem “patrocinadores” da igreja. Os anúncios vêm no momento propício. O fato de virem depois da pregação e logo após o quadro “Novela da Vida Real”. A argumentação pelo exemplo pode criar a impressão de que a vida da pessoa pode ser transformada, caso ela adquira os produtos e (ou) se torne patrocinadora da igreja. Assim, as mudanças que ocorreram na vida das pessoas retratadas na “novela” também poderiam acontecer em suas vidas.

Na sequência temos o quadro “Missionário Responde”. RR Soares é o único que responde às perguntas, exercendo, assim, o papel detentor dos saberes religiosos. Logo depois, temos o quadro “Abrindo o Coração”, no qual um fiel conta seus problemas e pede ajuda ao pastor. A função argumentativa deste quadro também é importante. Se na “novela” as pessoas já tiveram sua vida modificada, no “Abrindo o Coração” há possibilidade do espectador se identificar com os problemas narrados. O público se coloca no *lugar* daquela pessoa com dificuldades e os conselhos de RR Soares podem ser aplicados na sua própria vida. Na quinta, há também o desenho animado ‘Midinho’, que atinge o público infantil. No fim dos programas, há uma apresentação musical e depois o pastor Jaime convida as pessoas para irem aos cultos da igreja.

Enfim, vemos que a estrutura e a ordem dos quadros obedecem a um processo persuasivo. Mergulha-se no mundo dos fiéis, em seus problemas e dúvidas, e mostra-se que mudanças ocorrem na vida daqueles que se convertem. Tudo isso respaldado pela autoridade divina que teria sido concedida ao missionário RR Soares.

Palavra, Prosperidade, Fé e os Outros da religião

Observamos em nossa análise uma recorrência de enunciados referentes a duas formações discursivas que sustentam um discurso maior de que a fé cristã é o verdadeiro caminho para a felicidade/ salvação. As duas formações são: capitalista/ liberal que estabelece igualdade de condições na vida humana

para se ser feliz e conquistar a prosperidade; uma FD relacionada aos outros da religião. Apresentaremos agora enunciados que estabelecem entre si relação de paráfrase e que nos revelam indícios de tais formações. Primeiro a formação capitalista/liberal:

A fé como caminho para a prosperidade

A Internacional da Graça, tal como a Universal e a Renascer em Cristo, encaixam-se no que Mariano (1999) chama de neopentecostais. Uma característica da doutrina desse grupo religioso é a teologia da prosperidade que “valoriza a fé como *meio* de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos. Em vez de glorificar o sofrimento, tema tradicional no Cristianismo (...) enaltece o bem-estar do cristão nesse mundo” (Mariano, 1999: 158, grifos do autor).

Durante os programas analisados, verificamos a metaforização a partir de um discurso de base, que é aquele que remete à vida comercial. Seguem abaixo alguns exemplos:

(5) RR Soares: Hoje nós vamos ver uma séria advertência que o nosso Deus dá sobre a gente conviver, aceitar a companhia daquela pessoa que é ímpia, que desrespeita a palavra de Deus. É um grande *prejuízo* para nós e a gente *paga uma conta da qual não comemos*, mas que viemos como bobo a participar. (quinta)

(6) RR Soares: E depois a *conta* vem muito grande e tem gente *pagando...* (quinta)

(7) RR Soares: E quem não leva a sério no Grande Dia *vai dar contas* a Deus pelo desrespeito que teve para com a Santa Advertência do Senhor. Além de o *prejuízo* que já causa desde o momento em que ele aceita o ímpio na sua vida. (quinta)

(8) RR Soares: E um dia ela vai tá diante do Senhor Deus e Ele vai *cobrar*. (quinta)

(9) RR Soares: Crede nos seus profetas e *prosperareis*. Quem crê serve a Deus *somente*. (quinta)

Em todos esses enunciados temos a relação Deus/ homem comparada a um empreendimento comercial. Isso é próprio do funcionamento do discurso neopentecostal. Aqui aparece na forma de uma argumentação bem comum na retórica religiosa: a argumentação por analogia. Neste caso, ela ocorre da seguinte forma. Deus dá a vida ao homem, o que lhe confere o papel de credor e investidor. A existência do homem é o Seu investimento. Ele quer o seu lucro, ou seja, ver a Humanidade seguir os seus preceitos. Pecar

é estar em débito com Deus, é assumir uma dívida com o Credor que um dia irá “cobrar” por tudo aquilo que foi feito. Ademais, Deus é visto como portador da felicidade. Ele não oferece a felicidade apenas no outro mundo, mas também nesse. Ele deseja que os homens prosperem, como é dito no enunciado (9) e abaixo:

(10) RR Soares: Deus quer que os seus filhos a cada dia estejam melhores, porque diz a Bíblia que Ele sempre nos conduz em triunfo. *Se você não está sendo conduzido em triunfo, você tá sendo conduzido pelo homem, pela religião, por qualquer outra coisa, menos pelo espírito de Deus* que nos dirige na palavra. (quinta)

(11) RR Soares: E tem gente, ó Deus, que adquiriu pela fé *uma vida estável, próspera*, uma família abençoada. (...) Agora, eu oro pelas pessoas que estão dizendo: ‘eu estou *pagando* esse preço’. Ajude elas a voltar à posição em que estavam. (quinta)

(12) [RR Soares interpreta fiel] ‘eu queria contar o que Jesus fez na minha vida. Ele me chamou, eu obedeci e Ele deu a benção. (sexta)

No enunciado (10), tal como no (4) encontramos uma FD relativa a uma postura negativa em relação à religião, já que esta poderia conduzir a pessoa ao fracasso. Nos enunciados (10) e (11) vemos a associação do significante “Deus” à ideia de felicidade e riqueza. Isso cria um efeito de oposição com o significante “homem”, que, por conseguinte, está associado a infelicidade e pobreza. No campo argumentativo, verificamos a reivindicação da Bíblia como artifício que comprovaria as palavras de RR Soares, isso aparece no enunciado (9).

Uma marca do discurso liberal se apresenta no momento em que o fracasso ou sucesso do sujeito é atribuído como responsabilidade única dele mesmo. “Deus quer que os seus filhos a cada dia estejam melhores”, mas para que isso se realize é necessária a contrapartida do indivíduo. Se todos são filhos de Deus, são amados por este da mesma forma. Se a pessoa não é feliz, a culpa não é de Deus, mas dela, que não teria seguido os preceitos divinos. Outra marca recorrente nas falas do pastor que pode ser associada ao discurso liberal são as metáforas ligadas à vida comercial. Estas aparecem especialmente no momento em que ele convida os fiéis a ajudarem a Igreja:

(13) RR Soares: Se o Senhor não lhe chama para ser *patrocinador*, eu peço: não se inscreva! Nós não estamos aqui num campeonato. (quinta)

(14) RR Soares: Jesus ta impressionando você, ta tocando o seu coração, vai inscrever sei lá a filha, a nora, sei lá *quem é a sua empresa*. (quinta)

(15) RR Soares: Se Deus não lhe chama pra ser patrocinador, não seja. (...) Mas se Deus chama você, não seja faltante. Porque o *decreto* está feito a seu respeito. [interpreta fiel] ‘Não, o dia que eu quiser eu vou, o dia que eu quiser eu vou...’ e depois vai embora e deixou de fazer a vontade de Jesus. (sexta)

(16) [RR Soares sobre ser patrocinador]: E não olhe para as circunstâncias não. Deixa Deus fazer a obra em nome de Jesus. Quando alguém vier falar alguma coisa sorria por dentro: ele não sabe que o meu Deus está operando na minha vida. (sexta)

No enunciados (13) e (14) percebemos um deslocamento de sentido. O fiel agora é chamado a ser patrocinador. Se antes ele era devedor (de Deus), agora ele se torna patrocinador (da igreja). O encadeamento argumentativo é bem interessante: contribuindo para a igreja o fiel estaria patrocinando uma “obra” divina e sanando parte de suas dívidas com o Criador. E é da vontade Deste que o fiel ajude a instituição, já que se afirma que ele deve obedecer ao “decreto” de Deus. No enunciado (15), notamos um sentido de advertência que serve como recurso argumentativo para incitar as pessoas a doarem. Elas têm de doar agora, pois não sabem quando irão morrer. Já no (16) observamos a presença de um discurso (ao qual o pastor se opõe) que vincula os evangélicos à exploração econômica da fé. Daí ele dizer: “quando alguém vier falar alguma coisa sorria por dentro: ele não sabe que o meu Deus está operando na minha vida”.

No programa de sexta, o pastor Jaime, que sempre aparece no final de cada programa convidando os telespectadores a participar dos cultos, chama a atenção para um culto dedicado à vida financeira:

(17) Pr. Jaime: Amanhã, sábado, vamos ter o dia da prosperidade. Por quê? *A prosperidade é dom de Deus*. A única *pessoa* que não quer que você prospere é o Diabo. Porque quando você prospera, a igreja prospera (nesse momento ele engasga), quando você prospera, a família prospera, a nação prospera. Amanhã é um dia especial, realmente dedicado à vida financeira! (sexta)

(18) Pr. Jaime: É um profissional liberal que não tem mais serviço; é um empresário que está fechando as portas; é a pessoa desempregada. A pessoa diz: ‘Mas pastor Jaime fizeram obra de macumba para mim, fizeram mal por feitiçaria’. (...) *Prosperidade é dom de Deus*. A mão de Deus vai ser tremenda. (sexta)

Nesses trechos a prosperidade é mostrada como dom de Deus. Notamos o que pode ser um indício de um discurso que vincula os evangélicos à exploração econômica da fé, ao qual as denominações se opõem. O pastor Jaime engasga justamente no momento em que associa a prosperidade individual do fiel à prosperidade da igreja (“quando você prospera, a igreja prospera (nesse momento ele engasga), quando você prospera, a família prospera”). Isso pode abrir margem para outro sentido: de que a igreja também se interessa em prosperar financeiramente.

No plano argumentativo, constatamos a presença da figura retórica da repetição (18), cuja função é trazer um determinado tema para o primeiro plano. No caso, a prosperidade. Há também o exemplo seguido da figura da ilustração no enunciado (17), que convoca o sujeito a ir ao culto.

Voltando à esfera discursiva, no enunciado (18) observamos que a bênção de Deus é para todos, sem restrições. Percebemos aí o discurso liberal operando: todos são iguais perante Deus, a culpa pelo fracasso são suas próprias escolhas que permitem que forças malignas atuem em sua vida. Nota-se ainda uma personificação da figura do Diabo, já ele é a “única *pessoa* que não quer que você prospere”. A recorrência a figura do Diabo e a outros elementos que rivalizam com a religião ou vontade divina são constantes na fala do pastor. É disso que trataremos no próximo item.

Os outros da religião

Em nossa análise, verificamos nas falas de RR Soares, a ocorrência daquilo que poderíamos chamar de o outro-discursivo e o objeto-outro do discurso analisado. No primeiro caso, teríamos os discursos da ciência e o de outras religiões; e no segundo, encontramos a figura do Diabo, como um objeto-outro. O que não quer dizer que em alguns momentos um e outro não se atravessem. Veremos alguns enunciados que estabelecem relação de paráfrase e quais os possíveis sentidos presentes nos mesmos.

O inimigo sobrenatural é citado muitas vezes pelo missionário. Se a Deus pode-se atribuir toda felicidade, as forças do mal seriam as responsáveis por toda tristeza e infelicidade na vida das pessoas. É o que se pode verificar abaixo:

(19) RR Soares: *O Diabo sabe que acontecendo isso, ele pode trazer os seus males*, as suas investidas e vai conseguir *faturar* alto, porque a pessoa não tem mais a proteção (quinta)

(20) RR Soares: *Se Deus não nos honrar*, na nossa batalha no dia-a-dia, qualquer demoniozinho, por mais fraco que ele seja, *vai nos vencer*. (quinta)

(21) RR Soares: Pai, *eu vou usar a autoridade que tens me dado* e vou abençoar a todos. Em nome de Jesus, tanto em casa quanto aqui na igreja, *eu paraliso toda ação do inferno e eu digo: Diabo, tira a mão dessa pessoa*. Vai embora, solte essa pessoa, pare com essa tentação, com esse mal em nome de Jesus! (quinta)

(22) RR Soares: Ele (Jesus) tinha de se tornar um igual a nós para poder nos resgatar. Não mediu esforços. (...) Desceu ao inferno, ficou na mão dos espíritos maus. Durante três dias Ele lutou a nosso favor, venceu o Diabo e ressuscitou. Então... para nos dar a vida eterna e a vida com abundância, nos fazer livre da mão dos espíritos maus. Quem é de Deus nem precisa entender nada de demônio, de macumbaria, de feitiçaria, de coisa ruim. (sexta)

(23) RR Soares: Os anjos bem que gostariam de ter o privilégio de salvar os perdidos. Mas Deus deu a nós. (...) Elas têm, como toda pessoa tem, uma proteção espiritual. É por isso que o Diabo não acaba com elas de pronto. Mas está a cada dia afundando ela na lama. (...) Elas estão caindo. (sexta)

(24) RR Soares: *Jesus não podia tá aqui como Deus não. O Diabo ia reclamar com Ele*. Tentou até enganá-lo. (sexta)

Há uma espécie de guerra cósmica entre Deus e o Diabo pela Humanidade. Os seres humanos são obrigados a escolher um lado nessa guerra, pois se “Deus não nos honrar (...) qualquer demoniozinho vai nos vencer”. E escolher o lado de Deus, o lado da felicidade, consiste em obedecer aos preceitos apresentados pelo missionário, já que ele fala em nome de Deus.

No enunciado (22), o missionário reafirma a sua autoridade, paralisando as ações do Diabo com o poder divino que lhe foi concedido. Interessante observar que neste enunciado muda-se o interlocutor. RR Soares, que antes falava diretamente ao público, agora se dirige a Deus (“Pai, eu vou usar a autoridade”) e em seguida ao demônio, ordenando-lhe que se afaste das pessoas.

A técnica utilizada pelo missionário apresenta um bom efeito na argumentação: pois se mostra que ele poderia entrar em contato direto com as forças sobrenaturais, o que exerce um efeito persuasivo ainda maior sobre o público.

Nos dois últimos enunciados (23 e 24), percebemos que a guerra entre as forças sobrenaturais é ditada por regras específicas, que atendem a uma

demanda por explicações do público. Os anjos não podem salvar as pessoas, essa seria uma missão dos seres humanos; Jesus teve de vir à Terra como ser humano porque se essa “regra” fosse descumprida o “Diabo ia reclamar com Ele”.

A figura do Diabo tem uma importância estratégica na argumentação. Limita-se o leque de ações do indivíduo: ou ele está do lado de Deus ou do demônio. Uma forma de estar do lado de Deus é seguir os preceitos daquele que se apresenta como Seu representante. No caso, RR Soares. Já plano discursivo, vemos que tal personagem é constitutiva do discurso religioso. O Diabo existe “na” religião, é constitutivo, um objeto-outro, da mesma. Atua como importante mecanismo explicativo da realidade. Afinal, se a vida do fiel não está bem, forças malignas provocaram isso, já que Deus deseja apenas a felicidade.

Outros discursos que se apresentam como opositores da religião são a ciência e outras religiões. Contudo, a relação que estabelecem é bem distinta da figura do Diabo. Se este serve como mecanismo para justificar a existência da religião, a ciência e as outras religiões podem atuar no sentido de invalidar as palavras proferidas pelo missionário. Eis o que é dito sobre a ciência:

(25) [rapaz pergunta]: existe contradições do velho e do novo testamento na Bíblia?

RR Soares: Não. Existe é que o novo é o velho explicado. *E pessoas que não entendem, inventam alguma coisa.* (quinta)

(26) RR Soares: *A igreja precisa acordar para a responsabilidade dela e parar de ser uma igreja sofisticada, cheia de doutores, artistas, especialistas que não querem se sujar a mão com essa plebe suja... não, não!* (sexta)

(27) [após o quadro Abrindo o Coração, no qual uma mulher pede conselho] Eu não sou bom para dar conselhos não, porque *eu não sou formado* nessa especialidade humana de aconselhamento. Um psicólogo talvez fosse a pessoa mais indicada e, em alguns casos, um psiquiatra também, porque o negócio pode ser mais bravo. *Mas o pastor*, ele tem que jogar nas onze posições e ainda defender lá e ainda apitar o jogo e buscar a bola quando sair fora do campo e tudo. *Tem que fazer tudo.* (sexta)

Nos três enunciados é evidente a relação conflituosa entre o saber religioso e o saber científico. No primeiro enunciado, o conflito se dá com todos aqueles que oferecem uma interpretação da Bíblia que seja diferente da proferida pelo missionário. No segundo, há indícios de um discurso que vê os intelectuais como pessoas afastadas dos problemas sociais, já que eles não “não querem se

sujar a mão com essa plebe suja”. Talvez haja alguma crítica velada a outras denominações que exigem cursos superiores para a formação de seus representantes. Daí, falar-se em deixar de ser “*uma igreja sofisticada*”. Essa é uma marca do discurso pentecostal, já que esse movimento religioso se constituiu tendo, historicamente, muitos representantes oriundos de classes mais pobres e sem uma formação acadêmica em teologia.

No terceiro enunciado, há uma espécie de concessão ao saber científico. Contudo, o saber religioso é colocado acima destes: o pastor, mesmo não sendo “formado” pode aconselhar as pessoas pelo simples fato de ser alguém abençoado por Deus. Em relação às outras religiões, há uma forte crítica às religiões não-cristãs e uma postura pacificadora em relação às cristãs. Os enunciados abaixo foram retirados do quadro “Novela da Vida Real” na quinta-feira:

(28) [no quadro Novela da Vida Real um rapaz fala de sua mãe]: Ela tava desesperada, vendo a família se destruir. (...) E ela acabou optando pelo quê? Pa.. [vacilo], para o espiritismo. E nessas aí o que aconteceu? *Em vez dela crescer, começou a diminuir. E nisso, nos centros espíritas, nesses lugares assim, ela conheceu pessoas que tinham uma vida que acontece...* [vacilo] é... entregue para o crime, para essas coisas assim. (quinta)

(29) Mulher: Eu tinha missionário, horror de crente.

RR Soares [antes o filho da mulher citada acima afirma que eles eram católicos]: Olha, qualquer situação, não deixe o preconceito entrar não. Nós não tamos pregando contra nem a favor de religião alguma. *Nós estamos ensinando é a verdade.* Jesus diz assim: você vai passar pra tal religião e vai abençoado? Não! Jesus falou assim: conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. (quinta)

(30) RR Soares: Olha, o nosso programa não é um programa que defende essa ou aquela igreja. *Você sabe muito bem que jamais falamos mal de qualquer religião ou igreja.* Isso não constrói, só destrói. Nós *queremos que a pessoa encontre Jesus* Aí Jesus dirige elas pra onde ela for. (quinta)

Notamos que o missionário procura adotar uma postura pacificadora em relação às outras religiões. Contudo, há posições contraditórias. Há uma crítica direta ao Espiritismo no enunciado 29. Apesar da crítica não sair da “boca” do pastor, ele é o responsável pelo programa, o que é dito, é, portanto, de sua responsabilidade. Em outros trechos apresentados (22 e 28) macumba, feitiçaria e espiritismo aparecem como coisas demoníacas. Notamos aí um atravessamento do objeto-outro no outro-discussivo. As religiões africanas e o

espiritismo (outros-discursivos) são obras do Diabo (objeto-outro). Ademais, restringe-se o que é considerado religião pelo pastor. Apenas as cristãs são dignas de tal título, já que ele ensina “apenas a verdade”, que consiste na fé em Jesus.

No plano argumentativo, pode-se ler tal concessão às outras religiões cristãs como forma de não indispor os espectadores de outras denominações à figura do pastor. Partir de premissas aceitáveis pelo público é algo essencial para o sucesso da argumentação. Além dos discursos e FDs apresentados, notamos a presença do discurso homofóbico, comum em quase toda a Igreja Cristã.

Em determinado momento do culto, esta é apresentada como obra do demônio. No quadro Abrindo o Coração de sexta, um homem afirma que foi homossexual por 35 anos e que teria deixado de ser após sua conversão. Naquele momento, ele pedia um conselho a RR Soares para melhorar seu relacionamento com a esposa. (31) RR Soares: *o Diabo usou e abusou de você trinta e cinco anos. É um período muito grande. Depois você vai, encontra o evangelho, tem doze que você assumiu a verdadeira identidade sua.* (sexta)

A homossexualidade é encarada como desvio, como algo oposto à natureza humana. Isso aparece em mais um enunciado:

(32) RR Soares: É a mesma coisa se você perguntar a um menino de quatro anos, uma menina de quatro anos: ‘você é homem ou mulher?’. [simula a menina respondendo] A menina: ‘eu sou mulher’. Nem sabe que que é isso. [simula pergunta ao garoto] ‘E você, é mulher?’. [simula resposta do menino] ‘Não, sou homem! Quê isso!’. Quer dizer, *há um testemunho interior que fala na própria criancinha.* (sexta)

Desta vez, utiliza-se o argumento de que a natureza humana se manifesta, em sua forma verdadeira, na criança. Desta forma, tem-se uma visão de que o que foi criado por Deus é perfeito e que o demônio corrompe as pessoas, fazendo a humanidade negar, inclusive, a própria natureza que lhes foi dada pelo Criador. O *testemunho interior* da criança é confiável porque ela é quem está mais próxima do estado “puro” de natureza que Deus teria dado à humanidade.

Considerações Finais

Conforme já dissemos, o Show da Fé não é apenas um culto filmado. É um programa religioso produzido com a qualidade técnica de um programa

auditório. Possui diversos quadros; momentos de interação entre o apresentador (RR Soares) e a plateia (os fiéis presentes no culto); *merchandising* (de utensílios religiosos); apresentação musical (de cantores da igreja); desenho animado; e até um “intervalo comercial” dentro do próprio programa, onde são anunciados os produtos da igreja sob a forma de publicidade.

Utilizando a magia da técnica televisiva, o programa ganha os contornos de outro programa qualquer. Isso parece ser um dos objetivos de RR Soares: fazer com que o público não diferencie seu programa de outros pelo fato dele ser religioso. Assim, poderia atrair um público maior. Esta poderia ser a razão de dizer no início de um dos programas que não iria “falar de coisas religiosas”.

No campo discursivo, notamos a presença de diversas formações discursivas. As mais recorrentes foram: relacionada ao discurso liberal/ capitalista; vinculada aos outros discursivos da religião (saber científico e outras denominações); e também de oposição à religião (um bom exemplo é quando RR Soares diz que não “vai falar de religião”, mas de “coisa séria”).

Constatamos a presença de um objeto-outro (as forças espirituais malignas), que distingue-se do outro-discursivo por situar-se “dentro” (no plano espiritual) da religião e não “fora” (plano temporal), caso do outro discursivo. Vimos também que, em algumas situações ocorrem atravessamentos entre eles. Não apenas em tal caso encontramos tais atravessamentos.

Em alguns momentos, discurso liberal e o objeto-outro se atravessam. Como em um momento em que o pastor Jaime diz que “A única *pessoa* que não quer que você prospere é o Diabo”. Em outra parte do programa, o fato de alguém ter sido homossexual é visto também como obra das forças malignas. Exemplos como estes constituem casos de “heterogeneidade discursiva” (Authier-Revuz, 1990), nos quais diferentes FDs se atravessam num mesmo enunciado, estabelecendo entre si relação de consonância ou dissonância.

Já no plano argumentativo, podemos concluir que o argumento principal é o da autoridade divina. Argumento que não pode ser questionado no plano religioso. Em diversas situações, RR Soares recorre à autoridade que lhe teria sido dada por Deus, o que atestaria a validade daquilo que diz. Em outros momentos, o missionário recorre à Bíblia, o que confirma as palavras ditas. Já que fala em nome de Deus, o que é dito não pode ser contestado. Isso é, conforme assinala Eni Orlandi (1996) uma das marcas do discurso religioso.

De acordo com a autora, o discurso religioso se afigura um discurso autoritário, que tende à reversibilidade zero. É um discurso que tende à monossímia e que não pode ser contestado. Conforme nos diz Orlandi:

A interpretação própria da palavra de Deus é, pois, regulada. Os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende fortemente para a monossímia. No cristianismo, enquanto religião institucional, a *interpretação própria* é a da Igreja, o *texto próprio* é a Bíblia, que é a revelação da palavra de Deus, o *lugar próprio* para a palavra é determinado segundo as diferentes cerimônias (Orlandi, 1996: 246).

E partindo da autoridade dada por Deus, muitas vezes o representante se coloca *no lugar Dele*. O missionário fala em nome de Deus, ele é o falante, mas o locutor é a entidade divina que ele representa. Isso vem a fortalecer ainda mais a sua autoridade perante o público. A partir deste princípio é que se contrói toda a argumentação. São recursos típicos da retórica religiosa e que constatamos nos programas: uso de *performativos* (advertências, ordens), uso de imperativos e de vocativos; e paráfrases que servem para explicar o texto sagrado. Também aparecem com frequência nos programas analisados: a argumentação por analogia; pelo modelo (tendo Deus por modelo e o Diabo por antimodelo); e pelo exemplo, que normalmente é acompanhado de ilustração.

A partir desse trabalho chegamos à seguinte hipótese: o discurso religioso difere em vários pontos do discurso teológico. Tal diferença se dá devido à mudança tanto de público, como de enunciador. Conforme já foi dito, o público (ou auditório) tem importância fundamental tanto para a AD quanto para a Teoria da Argumentação. É “no” ouvinte que o texto significa, remetendo aos discursos. É também de acordo com o público que estratégias argumentativas distintas são traçadas.

O discurso religioso difere do discurso teológico pois enquanto no primeiro o auditório é particular, no segundo o auditório é universal. Apesar das verdades da religião serem verdades universais, as estratégias discursivas variam conforme o público. Já no discurso teológico, o auditório é universal pois busca-se descobrir verdades divinas que seriam aceitas por todo homem razoável. Não há um público específico. Tal como na filosofia, na teologia o público alvo é toda humanidade.

No campo discursivo também existem diferenças. Como já foi dito, o discurso religioso se aproxima mais de um discurso autoritário. A polissemia é

contida e a reversibilidade tende a zero pois o fiel não pode contestar a autoridade daquele que fala em nome de Deus. Já no caso do discurso teológico é diferente. Ao se posicionar como teólogo, ou seja, aquele que tenta chegar a um conhecimento verdadeiro sobre Deus, revela-se aí que há uma opinião. Se há uma opinião, deixa-se claro que existem outras versões sobre a verdade religiosa, que existem conflitos. Nesse caso, o discurso é polêmico, pois um embate é revelado.

Estas são apenas hipóteses a que chegamos baseados nesse caso específico. Seria necessário um estudo mais detalhado sobre o assunto para averiguar se tais hipóteses poderiam se aplicar em outras situações. Outro questionamento que fazemos consiste em analisar como discurso e argumentação se apresentam em outras materialidades como a imagem e o corpo. Estes são temas que pretendemos abordar em futuros trabalhos.

Referências Bibliográficas

- AUGUSTINI, Carmen. “(N)as Dobraduras do Dizer e (N)o Não-um do Sentido e do Sujeito: um efeito da presença do interdiscurso no intradiscurso”. In: INDURSKY, Freda & LEANDRO, Maria Cristina Ferreira. (orgs) *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- BAND, *Programação*. <http://www.band.com.br/programacao>. Acesso: 03/04/2010.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos*. Rever (Revista de Estudos da Religião). São Paulo, ano 8, set. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv32008/tcampos.htm#footnotelnota>. Acesso: 03/04/2010.
- CAMPOS JR, Luís de Castro. *Pentecostalismo: As Religiões na História*. São Paulo (SP): Editora Ática, 1995.

- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em educação*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.
- MARIANO, Ricardo. *NeoPentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia Delfini Capistrano de. *Além da Razão ou Razão do Além? Reflexões sociológicas sobre o sagrado*. Itajaí (SC): Universidade do Vale do Itajaí (Univale), 2007.
- ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu Funcionamento: As formas do discurso*. 4ª edição. Campinas (SP): Pontes, 1996.
- _____. *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2007
- OSAKABE, Haquira. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PERELMAN, Chaïm. *O império retórico: retórica e argumentação*. 2ª edição. Porto (Portugal): ASA Editores II, S.A., 1999.
- OLBRECHTS-TYTECA, Lucie e PERELMAN, Chaïm. *Tratado de Argumentação: A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SHOW DA FÉ. Programas dos dias 11 e 12 de junho de 2009.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2007.